
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

REFLEXÕES SOBRE A VELHICE E A MORTE EM AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE, DE JOSÉ SARAMAGO

Carolina de Aquino Gomes¹ (UFPI)
e Ana Marcia Alves Siqueira² (UFC)

RESUMO: Em *As intermitências da morte* (2005), José Saramago nos convida a refletir sobre as consequências de uma vida sem a morte. Esse desejo antigo dos seres humanos é posto em perigo, ao vislumbrarmos o caos ocasionado pela greve de uma morte que reivindica a sua importância na vida dos homens. Com base na primeira intermitência dessa morte-personagem, propomos uma reflexão sobre o tema da morte e da velhice, de modo a compreender como se dá o seu distanciamento das preocupações cotidianas na contemporaneidade. Nesse processo, observamos a interdição da morte ocasionada pela intensa medicalização da vida e por um movimento de setores mercadológicos que se ocuparam da tarefa de lidar com um fato tão assustador. Nas reflexões ora propostas, reconhecemos que o romance de Saramago parte do insólito desaparecimento da morte para transcender a realidade, atuando de forma a extrapolar a ordem natural da existência, algo que nos leva à reflexão, impelindo-nos a pensar mais na nossa finitude, para, por fim, compreender o seu afastamento, que reflete muito mais o nosso medo e incapacidade diante da morte.

PALAVRAS-CHAVE: velhice; morte; José Saramago.

REFLECTIONS ON OLD AGE AND DEATH IN AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE, BY JOSÉ SARAMAGO

ABSTRACT: In *As intermitências da morte* (2005), José Saramago invites us to reflect on the consequences of a life without death. This ancient desire of human beings is endangered when we see the chaos caused by the strike of a death that claims its importance in the lives of men. Based on the first intermittence of this death-character, we propose a reflection on the theme of death and old age, in order to understand how it distances itself from everyday concerns in contemporary times. In this process, we observe the interdiction of death caused by the intense medicalization of life and by a movement of market sectors that took care of the task of dealing with such a scary fact. In the reflections now proposed, we recognize that Saramago's novel starts from the weird disappearance of death to transcend reality, acting in a way that extrapolates the natural order of existence, something that leads us to reflection, impelling us to think more about our finitude, to finally understand his withdrawal, which reflects much more our fear and incapacity in the face of death.

KEYWORDS: old age; death; José Saramago.

Recebido em 31 de agosto de 2020. Aprovado em 17 de dezembro de 2020.

¹ carolina@ufpi.edu.br - <http://lattes.cnpq.br/5764501688112543>

² anaemar2003@yahoo.com.br - <http://lattes.cnpq.br/9078359441832386>

Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam.
José Saramago

“No dia seguinte ninguém morreu” (Saramago 2005: 11), é com esta frase que José Saramago inicia e também finaliza seu romance *As intermitências da morte* (2005), em que, a partir de um evento insólito, a morte deixa de realizar suas funções milenares dentro das fronteiras de um dado país. Essa primeira intermitência nos insere prontamente em uma trama fantástica, que nos encaminha a uma reflexão sobre o homem e sua relação com a morte na contemporaneidade.

Desde o início da obra, a partícula negativa é entendida como chave para a desconstrução da lógica metafísica de que a morte é uma certeza. Essa negação também é a mola que impulsiona a narrativa ao implantar o insólito desaparecimento da morte. Nesse romance, Saramago nos oferece uma reflexão lúcida, calcada em um imaginário existente, e nada ingênuo, sobre a morte.

As intermitências da morte é um romance inserido na fase dos romances-fábula de Saramago (Arnaut 2008: 43), tal acepção justifica-se por apresentar um caráter englobante, universal da história contada – algo como a fábula enquanto narrativa de forte teor moralizante – bem como observa o contorno das personagens, fazendo-as representativas do homem, como ser social, tornando-as universais, capazes de representar ações que podem acontecer em qualquer tempo e lugar. Assim, em um país em que não se morre desde o primeiro dia de um indeterminado ano, a morte se torna ao mesmo tempo tema e personagem. A partir de suas intermitentes ações, somos encaminhados a uma profunda reflexão sobre a morte na contemporaneidade.

A narrativa é composta por três momentos: a interrupção momentânea da morte, o retorno às suas atividades e, por fim, a sua humanização. Desde a primeira interrupção temporária das atividades da morte, podemos observar como as personagens atuam diante da possibilidade de serem imortais, carregando com isso todos os bônus e os ônus de uma vida eterna. Na primeira parte do romance, são levantadas reflexões sobre temas graves como o comércio em torno da morte, o afastamento dos velhos e doentes do lar, a eutanásia e o suicídio, todos esses temas são elucidados a partir das intermitências de uma morte questionadora de seus direitos e deveres junto à humanidade.

Tomando como base a primeira parte do romance, propomos uma análise a fim de que possamos pensar a morte como fenômeno não só metafísico e distante, mas, trazendo à tona importantes ponderações de ordem existencial. Para tanto, apresentamos uma leitura que pretende estabelecer um diálogo entre as ideias propostas no romance com outras áreas de estudos como a História, a Filosofia, a Sociologia e a Teoria literária, de modo que seja possível desenvolver um pensamento crítico sobre as reações do homem contemporâneo diante da velhice e da morte, tomando como base o romance de José Saramago.

Segundo Adorno, “a literatura é, em si mesma, conhecimento do homem, da sociedade, não o instrumento aplicado de uma psicologia ou de uma sociologia. A literatura inclui o invisível da sociologia. O indivíduo humano, com sua complexidade,

exige a imprevisibilidade de alguns atos humanos...” (1994: 11). Ou seja, a literatura, vista sob a óptica das relações histórico-sociais, revela-se como um verdadeiro sismógrafo das revoluções e transformações pelas quais a humanidade tem passado em diferentes épocas. Dessa forma, o método comparativo possibilita-nos esse diálogo, ao permitir empreender um estudo que visa a enxergar por entre as malhas do texto as influências externas, estimulando um contínuo trocar de ideias e formas a partir de uma leitura do texto literário debatido por meio de outras ciências.

O caminho a ser percorrido na tentativa de compreensão da narrativa intermitente da morte saramaguiana começa pela observação das reações do homem diante da morte. Desde as palavras iniciais do romance a morte é paradoxalmente notada por sua ausência. Observamos nessa atitude sua reivindicação por um posto que fora seu no imaginário do homem ocidental, em que se vivenciava uma morte mais próxima, no lar, longe de hospitais, asilos ou quaisquer instituições que apagassem seu brilho e sua importância.

A partir desse contexto, as atitudes da morte-personagem saramaguiana parecem demonstrar uma intenção de se fazer anunciar. Entretanto, suas tentativas esbarram em alguns problemas de comunicação. Tanto na interrupção, como na volta de suas atividades, todas as formas de publicação de suas vontades tornam-se confusas e despertam mais terror do que sua almejada tranquilidade na execução de seu trabalho.

No romance de José Saramago, os habitantes do país onde não se morre mais experimentam a ilusória alegria de viver para sempre até se darem conta dos transtornos causados pela greve da morte. Esta parecia protestar em prol do reconhecimento de sua atuação na vida do homem há séculos, mesmo assim, ao primeiro sinal de sua extinção, muitos comemoraram em júbilo, pois se acreditavam superiores a ela. Tal reação do homem diante da morte leva-nos a pensar no quanto ela é escondida na contemporaneidade, justamente por ser temida. Tentamos não falar sobre ela, excluí-la do cotidiano, como algo obscuro ou sujo. Interditar a morte é uma forma de nos livrar de sua presença incômoda e preservar a nossa felicidade.

Paradoxalmente, a partir desse afastamento em relação à morte, somos levados também a observar o quanto estamos sendo paulatinamente distanciados de nosso direito ao luto, algo que se tornou mais uma manobra comercial. Esse fenômeno pode ser visualizado na primeira parte de *As intermitências da morte*, onde, logo após o júbilo comemorativo da eternidade, os homens do país depararam-se com a dor e o desespero de viver para sempre. Afinal, a eternidade nesse país não se comparava à vida eterna no paraíso celeste a que todos os cristãos anseiam após a morte.

Após a passagem do ano, quando não morre mais ninguém dentro das fronteiras do país, a morte emerge como uma preocupação no romance. Sua inação acarreta prejuízos e desconforto, pois “sangue, porém, houve-o, e não pouco” (Saramago 2005: 11). O alto índice de acidentes no final do ano intensificou ainda mais o mal-estar causado, pois sem nenhuma mudança aparente, a morte deixara de matar naquele país, como podemos observar neste momento em que:

desvairados, confusos, aflitos, dominando a custo as náuseas, os bombeiros extraíam da amálgama dos destroços míseros corpos humanos que, de acordo com a lógica matemática das colisões deveriam estar mortos e bem mortos, mas que apesar da gravidade dos ferimentos e dos traumatismos sofridos, se mantinham vivos e assim eram transportados aos hospitais ao som das dilacerantes sirenes das ambulâncias. (Saramago 2005: 11-12)

O cotidiano desse país foi afetado pela morte, até então calada e reclusa a ambientes hospitalares, lares do feliz ocaso e funerárias. No quadro ora apresentado, o que restam são corpos resgatados pelos bombeiros, que permanecem com a “vida suspensa”, tão dilacerados quanto o som das sirenes das ambulâncias que os transportam. Essa é a chocante imagem que nos introduz no contexto da greve dessa morte. No entanto, o absurdo de uma vida sem a morte leva-nos a refletir que somos os únicos a ter consciência dela. Assim, deveríamos nos preocupar talvez não em reverenciá-la, mas em não a esconder, nem tentar aprisioná-la em certas instituições, dentro das quais nos é reservado conviver com ela.

A primeira intermitência da morte destaca o papel desses setores responsáveis socialmente pela sua condução na contemporaneidade. Ordenadamente, os setores são elencados na obra de José Saramago, manifestando-se em relação a esse futuro incerto. Se a morte não matava mais os homens, como iriam sobreviver as funerárias, os hospitais, as seguradoras de vida e os lares para terceira e quarta idades? Quando a morte se ausenta, emergem os problemas nesses âmbitos da sociedade, que se institucionalizaram como domínios reservados ao seu trato, podendo ela ser reclusa a esses setores, de forma a não contaminar de pesados pensamentos o cotidiano do homem moderno. Por isso, não tardaram as reclamações destas instituições ao governo do país-símbolo.

O caos começa a ser notado quando alguns setores, como o sindicato das empresas do negócio funerário, os hospitais públicos e particulares e as seguradoras de vida fazem suas reivindicações ao governo, parecendo ter uma maior preocupação com seus prejuízos financeiros, do que com o caos existencial e sanitário ocasionado pela greve da morte. Nesse sentido, a obra de Saramago leva-nos à reflexão sobre a perda de sensibilidade do homem contemporâneo em sua relação com o outro.

Sobretudo quando se elencam as reivindicações desses setores, observamos uma sociedade composta de consumidores semelhante à nossa. De acordo com Zygmunt Bauman, somos todos “consumidores de mercadorias, e estas são destinadas ao consumo; uma vez que somos mercadorias, nos vemos obrigados a criar uma demanda de nós mesmos” (2014: 37). Com base nessa afirmativa podemos notar como alguns setores tentavam redirecionar seu público consumidor, fazendo com que surgissem novas necessidades para manter o consumo de seu produto, como no caso das funerárias e seguradoras de vida.

Os hospitais também estavam prejudicados pela greve da morte, mas “por estranho que pareça, quase sempre relevavam mais questões logísticas que propriamente sanitárias” (Saramago 2005: 27). A previsão da superlotação nos hospitais do país em

um futuro sem a morte torna-se uma realidade. Assim, ao relacionarmos com a nossa realidade contemporânea, percebemos uma crescente medicalização em torno da vida com o objetivo de adiar a morte. No romance, também é da alçada de instituições que cuidam da saúde se responsabilizar pelos enfermos em vida suspensa. Não havendo solução para esta situação sem precedentes na história da humanidade, os hospitais resolvem, em conjunto com o governo, retornar os moribundos terminais para seus lares, aos cuidados de seus parentes.

Nesse sentido, ao elencar a reação desses setores da sociedade do país, José Saramago leva-nos a pensar na base sobre a qual a sociedade ocidental se construiu. As leis de mercado regem nossos ritos mortuários e, inclusive, nossas atitudes diante da morte. Assim, em um contexto socioeconômico em que as vidas são medidas e pesadas por seu valor de mercado, a morte tende a se transformar em negócio. Em decorrência, a preocupação do governo é cuidar de soluções para os setores da economia afetados pela greve da morte. Não há uma preocupação com os doentes terminais, nem com aqueles gravemente feridos por acidentes ou outros infortúnios, nenhuma prioridade com os meios de se aliviar o sofrimento. As pessoas são secundarizadas em favor da mercantilização, da concepção capitalista de que tudo no mundo moderno se tornou mercadoria: o homem, seus valores, costumes, qualidades técnicas, sentimentos e ações são produtos comercializáveis. Ironicamente e de forma sutil, a obra denuncia a reificação do homem (Lukács 2003) até mesmo em seu processo de morte e dos ritos relacionados.

Outro setor que convive com a probabilidade da morte constantemente são os lares para terceira e quarta idades. Esses são os próximos a apelar para o governo do país. A pergunta “que vamos fazer com os velhos, se já não está aí a morte para lhes cortar o excesso de veleidades macróbias” (Saramago 2005: 29) é levantada, tendo em vista que se pode cuidar dos demais setores, mas em um país onde a morte não exerce mais sua função, o futuro de todos é a velhice.

A partir dessa ponderação, uma previsão caótica é considerada na comunicação entre os lares do feliz ocaso e o governo, em que se aponta uma solução na construção de mais lares para terceira e quarta idades, edifícios inteiros com “a forma de um pentágono, por exemplo, de uma torre de babel, de um labirinto de cnossos, primeiro bairro, depois cidades, depois metrópoles, ou usando palavras mais cruas, cemitérios de vivos” (Saramago 2005: 31).

As imagens de labirintos e construções de funcionamento complexo dão uma dimensão do caos que enfrentariam, caso a morte tivesse mesmo cessado eternamente suas atividades. Por fim, a imagem mais estarrecedora, a de um “cemitério de vivos”, revela então a cruel realidade daqueles mais próximos à morte, que, antes de se consumir seu fim, são isolados em asilos ou confinados em hospitais. Nesse sentido, uma observação feita por Norbert Elias (2012: 9) auxilia-nos a pensar no problema exposto nessa narrativa, quando destaca que o problema social da morte é deveras difícil de resolver, pois os vivos e saudáveis não se identificam nem com os moribundos, nem com os velhos.

Há muitos tipos de morte e uma delas é a morte social a que é submetida grande parte dos idosos na atualidade. A morte não se encontra somente no fim efetivo da vida, pois muitas pessoas morrem gradualmente, adoecendo e também envelhecendo. Muitas vezes essa consciência da morte próxima convive com o idoso que é isolado em asilos. O nome dado a essas instituições em *As intermitências da morte* traduz com exatidão a ambiguidade presente nesses ambientes especializados nos cuidados daqueles cujas famílias já “não tem tempo nem paciência para limpar os ranhos, atender aos esfínteres fatigados e levantar-se de noite para chegar a arrastadeira” (Saramago 2005: 29). Nos lares do feliz ocaso, a fragilidade das pessoas colocadas sob suas responsabilidades é, muitas vezes, suficiente para criar uma barreira entre os velhos e os demais vivos, seu isolamento é fruto direto de sua decadência.

Na contemporaneidade, é possível observar o crescente isolamento precoce de velhos e moribundos, o que constitui uma das principais fraquezas da sociedade. A partir desse quadro caótico instalado no romance, somos impelidos a refletir sobre essa parcela da sociedade. Imagina-se o trabalho nesses lares a partir de um futuro em que:

os objetos dos seus cuidados não mudariam nunca de cara e de corpo, salvo para exibi-los mais lamentáveis em cada dia que passasse, mais decadentes, mais tristemente descompostos, o rosto enrugando-se, prega a prega, igual que uma passa de uva, os membros trémulos e duvidosos, como um barco que inutilmente andasse à procura da bússola que lhe tinha caído ao mar. (Saramago 2005: 30)

As imagens utilizadas para descrever a velhice são exemplos do medo que se tem da morte. Para tanto, notemos que o medo e a modernidade são aspectos intrínsecos, não havendo possibilidade de separação que não arrisque a sobrevivência de ambos. Assim, sempre existiram, em todas as épocas, três razões para se ter medo: a ignorância, a impotência e a humilhação. Esses três aspectos rodeiam tanto a ideia que se tem da morte como a da velhice.

A possibilidade de não saber o que acontecerá, assim como de ignorar o que fazer para evitar o infortúnio ou se desviar dele, e até mesmo a própria consciência de que não há o que fazer em relação à morte abala a autoestima e a autoconfiança, fragilizando o corpo e a mente tanto do doente terminal quanto do idoso. Nessa perspectiva, Bauman (2014: 119) elenca três direções, das quais se teme que venham os sofrimentos: do poder superior da natureza, da fragilidade de nossos corpos e dos outros seres humanos. A velhice e a morte são alguns desses domínios que estão acima da capacidade de controle do homem.

Com todos os avanços tecnológicos e médicos, experimentávamos certa segurança que nos permitia o aumento significativo da expectativa de vida. Confirmando esse apontamento, Elias explica que “só a partir de uma perspectiva de longa duração, pela comparação com épocas passadas, percebemos o quanto aumentou nossa segurança contra os perigos físicos imprevisíveis e ameaças imponderáveis à nossa

existência” (2001: 14). O paradoxo está no fato de haver efetivamente crescido a expectativa de vida, pois existe, sobretudo em países europeus como Portugal, uma crescente população de idosos de terceira e quarta idades. No entanto, as políticas de amparo a essas faixas etárias esbarram no medo inato do homem da velhice e especialmente da morte, algo perceptível na situação dos lares do feliz ocaso.

Porém, o novo cenário global instaurado a partir da pandemia de COVID-19 no ano de 2020 nos propõe uma nova reflexão sobre os limites dessa segurança experimentada no âmbito dos avanços tecnológicos e médicos. Por isso, pensar sobre nossa finitude apresenta-se como um caminho para que nos tornemos cada vez mais humanos em meio à caótica vida moderna.

Nesse sentido, a obra de Saramago retrata uma face da cultura ocidental imersa no consumo. Os velhos são seres que já não produzem mais para o mercado e são colocados à margem desse sistema. Sem serem requeridos como produtores, inúteis como consumidores, os idosos são dispensáveis em uma economia baseada na lógica de suscitar necessidades e satisfazê-las, tornando-se um fardo para os assalariados e para os ativamente envolvidos na vida econômica.

As intermitências da morte constituem-se, pois, como uma contundente reflexão sobre a realidade da velhice e sobre o modo de a sociedade com ela se relacionar. Se a velhice é concebida como um estágio próximo da morte, compreendemos como esses dois traços incontornáveis na vida dos seres humanos – velhice e morte – foram excluídos das preocupações centrais da humanidade. Sendo assim, mesmo que se tenha a consciência da importância da morte e dos eventos que a circundam para a evolução e a organização cultural das sociedades, não deixa de ser clara essa tentativa de, a todo custo, suprimir sua terrível imagem. Isso fica marcado na maneira como é difícil dar aos moribundos e velhos a ajuda e a afeição de que mais precisam nessa sociedade, em que o pensamento sobre a morte de maneira particular não é mais corriqueiro, ficando mais fácil esquecê-la no curso normal da vida. Além disso, essa relação entre velhos, moribundos e os demais vivos torna-se ainda mais difícil devido ao fato de a morte do outro espelhar a nossa própria morte.

O reflexo disso vem impresso na carta dos gerentes dos lares do feliz ocaso quando da indagação sobre o futuro desse negócio. Sendo assim, cabe questionar: Quem cuidará geração após geração dos idosos confiados aos lares do feliz ocaso? Essa visão apocalíptica, também explorada em outros romances do escritor português, revela a dimensão de um futuro sem a morte. A partir dessa marca, recordamos a metáfora utilizada por Saramago (2005: 31) para se referir aos asilos como cemitérios de vivos que faz cada vez mais sentido. Abandonados para morrerem ainda vivos, “nunca antes na história da humanidade foram os moribundos afastados de maneira tão asséptica para os bastidores da vida social” (Elias 2001: 31). Podemos acrescentar nessas condições os idosos isolados em asilos em condições de abandono.

No entanto, o movimento contrário à evolução observada nas sociedades contemporâneas é experimentado na narrativa saramaguiana, quando também ocorre ao governo a ideia de que, assim como foi sugerido aos hospitais, os velhos também

voltassem para os cuidados da família, surgindo, então, outra possibilidade, a de se construírem infinitos lares do feliz ocaso, prevalecendo a decisão pelo isolamento. Sobre esse ponto da narrativa, concordamos com Elias (2001: 37) quando observa o crescimento dos serviços especializados em torno da morte, pois aos homens modernos parece ser repugnante a ideia de uma morte próxima, como se, de forma semiconsciente, estes achassem que a morte é contagiosa.

Na carta endereçada ao governo pelos lares do feliz ocaso, os dirigentes ilustram o terror que lhes restaria agora com a cessação da morte. Eles terminam sua solicitação ao governo ilustrando as imagens cotidianas que os acompanham nesse serviço especializado, prevendo a face aterrorizante da velhice eterna (Saramago 2005: 31-32). O relato da decrepitude do corpo humano chegado à velhice causa horror em uma sociedade que não reflete sobre a morte e não se prepara para ela. Diante da nova situação instaurada pela possibilidade da velhice eterna, a temível face da morte mostra-se a olho nu. Vislumbra-se o que é viver com a sua imagem diante dos olhos, sem que ela tenha como ser escondida, camuflada ou sem que haja controle sobre ela, somente é possível unir esforços para tornar essa situação menos sofrida, e é isso que mais assusta o homem desde tempos imemoriais. Por isso, finaliza-se o relato do presidente da associação dos lares do feliz ocaso, desejando o regresso da morte: “antes a morte, senhor primeiro-ministro, antes a morte que tal sorte” (Saramago 2005: 32).

Se a morte é um fim inquestionável para todos nós, não deveríamos nos surpreender com sua chegada. Recordamos a assertiva de Michel de Montaigne (2016 [1595]) para quem é necessário refletir sobre a morte para nos acostumar a ela, retirando-lhe a estranheza. Pensar nela é meditar sobre a liberdade e “não há nenhum mal na vida para aquele que entendeu bem que a privação da vida não é um mal” (Montaigne 2016: 110). Por esse viés, o conhecimento deve nos afastar do temor da morte, já que não se trata de um medo lógico, mas instintivo e fisiológico. A partir desse episódio ilustrado pelos lares do feliz ocaso, percebemos que a morte em si nos incomoda muito menos do que o fato da destruição do organismo acontecer por intermédio de doenças e mesmo da decrepitude do corpo devido à velhice. Ou seja, o que sumariamente nos incomoda e atemoriza é o fato de sermos incapazes diante da morte.

Em *As intermitências da morte*, destacamos um episódio particular de uma família de pequenos agricultores, na qual havia dois padecentes em “morte parada”, “um deles era avô [...], o outro era uma criança de poucos meses a quem não tinham tido tempo de ensinar nem a palavra vida nem a palavra morte e a quem a morte real recusava dar-se a conhecer” (Saramago 2005: 38). Esse momento é imprescindível para uma virada na narrativa, porque o avô sugere à sua família o enfrentamento da morte, isto é, a sua aceitação. O ancião pede que o levem junto com a criança para a fronteira do país, para que lá eles possam encontrar o gélido abraço da morte. A corajosa atitude da personagem provoca uma reflexão sobre o tema da eutanásia para casos terminais.

A atitude da família foi de aceitar, mesmo resignada, o pedido do seu patriarca. Assim, empreenderam uma viagem rumo à fronteira que separava o patriarca e o seu neto da morte, movidos pelo amor, o único sentimento capaz de defendê-los do horror da morte. Entretanto, a eutanásia é uma prática proibida no país-símbolo, e eles sabiam que em poucos dias esse crime lhes seria imputado. Conscientes disso, eles partiram para a fronteira, para enfim, paradoxalmente, vencer a morte, morrendo.

Ao retornarem de sua viagem à fronteira, a família que burlou a greve da morte foi interpelada por um vizinho sobre o que ocorrera à noite com o velho e a criança em estado de morte suspensa. Antecipando-se, o genro e o vizinho foram à polícia relatar o ocorrido, mas nesse caso os agricultores “não foram condenados nem julgados” pelo poder público. A sentença viria da população por meio da manipulação das mídias, chamadas ironicamente pelo narrador de “barômetros da moralidade pública”:

Como um rastilho a notícia correu veloz por todo o país, os meios de comunicação vituperaram os infames, as irmãs assassinas, o genro instrumento do crime, choraram-se lágrimas sobre o ancião e o inocentinho como se eles fossem o avô e o neto que toda a gente desejaria ter tido, pela milésima vez jornais bem pensantes que actuavam como barômetros da moralidade pública apontaram o dedo à imparável degradação dos valores tradicionais da família, fonte, causa e origem de todos os males em sua opinião, e eis senão quando quarenta e oito horas depois começaram a chegar informações sobre práticas idênticas que estavam a ocorrer em todas as regiões fronteiriças. (Saramago 2005: 47)

A relação estabelecida com a realidade contemporânea a partir desse episódio corriqueiro em nossa contemporaneidade nos leva a examinar as estratégias textuais de envolvimento direcionadas a uma massa disposta a não pensar criticamente sobre as informações e somente absorvê-las, de modo que se tem revelada a hipocrisia das pessoas diante da alienação provocada pelos meios de comunicação.

O pavor da morte suscitado pelas mídias surge da insistente banalização dessa, um fato específico da sociedade industrial. Contudo, isso é facilmente observável se atentarmos à programação televisiva, que parece negar toda a tentativa de ocultação da morte atribuída à atual cultura do ocidente. Presenciamos diariamente uma exploração da morte, em forma de violência.

Assim, como é possível repensar o interdito em relação à morte, se, sobretudo na sociedade contemporânea, ela exerce fascínio, se é cobiçada mercadoria jornalística e se o consumidor dos meios de comunicação em massa torna-se um espectador fascinado pelos casos de morte? Como se pode afirmar a existência de uma morte calada, se ela é protagonista de um dos maiores espetáculos dos meios de comunicação? Como garantir que a ideia de morte seja evitada, se a sua presença é massiva em peças publicitárias dos jornais, filmes, livros e, sobretudo, dos noticiários?

Os meios de comunicação não exploram a morte do dia a dia, do próximo, há uma exibição de mortes como espetáculo, ocorrida sobre a tela da televisão ou sobre o

papel do jornal, que são incapazes de perturbar o cotidiano do espectador. Essas mortes não lembram a decomposição, não colocam os homens em um impasse escatológico, nem impactam nas relações sociais. São essas pessoas sem rosto, sem histórias próprias, sem nomes conhecidos.

Tal atitude pode ser confrontada com a comoção nacional imputada ao caso da família de camponeses, que é contraposta à ação ocorrida no íntimo de cada lar, nos quais as pessoas estavam enviando seus entes para a fronteira onde a morte ainda vigorava através do serviço especializado da “máphia”.

Essa organização criminosa surge no sentido de auxiliar a morte dos moribundos em “vida suspensa”, levando-nos a questionar a respeito da consequência ética e moral daquele comércio de corpos, fato que diferencia a atuação da máphia, do ato de compaixão protagonizado pela família dos camponeses.

Desvela-se a hipocrisia da sociedade que estigmatizara a família de camponeses, enquanto, nas fronteiras, os países vizinhos cobravam providências do governo do país-símbolo que, por um lado, condenava tais práticas e, por outro, via nesse transporte de corpos o alívio da pressão demográfica vivida durante três meses.

Assistimos ao desenrolar de uma trama mafiosa, envolvendo ameaças aos guardas da fronteira, até que o governo aceitasse negociar com os criminosos. A partir de um acordo de cavalheiros, máphia e governo trabalham conjuntamente na inumação de corpos além da fronteira do país. Aquela seguindo com seus lucrativos negócios escusos e este proporcionando o esquema propositalmente falho de vigilância das fronteiras, beneficiando alguns poucos cidadãos que podiam pagar pela inumação de seus entes.

A máphia fazia o trespasse e descartava os corpos dos padecentes sem lhes prestar os cuidados e os ritos fúnebres, nem tampouco havia presente alguma autoridade médica atestando o óbito. Nesse ponto, podemos vislumbrar uma crítica ao modo de vida resultante do capitalismo econômico. Marx e Engels (2012 [1848]: 47) atribuíram a dessacralização dos laços familiares em seu véu emotivo ao fortalecimento da burguesia, reduzindo-os a meras relações monetárias. Além do episódio da máphia, a maioria das ações humanas constantes da primeira parte do romance carregam esse traço, o que nos recorda também as relações líquidas estudadas por Bauman (1998), as quais se constroem privilegiando o individual em detrimento do coletivo, tornando as interações sociais cada vez mais superficiais.

Dessa forma, o romance constantemente nos convida a refletir sobre a humanidade em sua relação com a finitude por meio das intermitências de uma morte-personagem. Há na primeira parte da narrativa um exercício de construção de conhecimento a partir do momento em que somos levados a pensar sobre como a morte nos atinge socialmente. Apreende-se desse romance o trabalho com uma técnica narrativa posta a serviço das pessoas e de seu desenvolvimento individual e coletivo. Nesse sentido, entendemos como, em sua literatura, José Saramago reivindica a faculdade de pensar e a filosofia como uma dimensão substantiva da existência.

Nosso estudo se limitou a analisar alguns pontos da primeira intermitência da morte, em que a sua ausência foi peça fundamental para a desconstrução do interdito a ela conferido na contemporaneidade. Com isso, observamos o desencadear de uma série de crises em setores fundamentais para a organização da sociedade, fazendo o homem reagir à sua falta. O caos deixado pela greve da morte leva o leitor a compreender sua extrema importância para a organização social moderna.

Nesse momento da narrativa, o romance joga com as instituições sociais e com as reações dos homens do país ao problema da greve da morte. As dificuldades advindas dos problemas sociais chamam a atenção para os problemas humanísticos. Nesse sentido, atestamos que o romance de José Saramago sugere que é necessário ao homem moderno se humanizar, pois a sociedade do consumo nos embrutece e nos afasta de questões essenciais para a vida, como compreender a morte, a velhice e o modo de lidar com elas em um contexto cada vez mais permeado pela ausência de afetividade.

O romance desvela aos olhos do leitor as reações possíveis do homem contemporâneo diante de um cenário caótico sem a morte. Presenciamos atitudes como a reivindicação do lucro a qualquer custo, a desvalorização do idoso na lógica do consumo, a corrupção da classe política, etc. A questão da eutanásia também é abordada como meio de poder sobre a morte. Entretanto, esse ponto da liberdade a respeito da própria morte recai no julgamento de uma sociedade hipócrita, mediada por uma imprensa que julga uns, mas valida as ações menos nobres de outros, sobretudo, cidadãos mais abastados. Isso remete a um pensamento presente na obra do autor português, em que o homem ainda não chegou a se cristalizar na sua condição humana. Esses eventos demonstram como ele está distante de sua humanização, “como um ser que nega e se distancia tragicamente de sua natureza” (Aguillera 2010: 144).

Diante do exposto, levando em conta o recorte apresentado, reconhecemos que o insólito romance de Saramago transcende a realidade, atuando de forma a extrapolar a ordem natural da existência, algo que nos leva à reflexão, impelindo-nos a pensar mais na morte, para, por fim, compreendê-la.

OBRAS CITADAS

ADORNO, Theodor. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.

AGUILLERA, Fernando Gomes, org. *As Palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras: 2010.

ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Penguin, 2012. [1848].

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio: Que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios*. Trad. Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2016. [1595].

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.